



O OLHAR DO PSICANALISTA

CRÔNICAS

CARLOS VIEIRA

BRASÍLIA • 2018



TECHNOPOLITIK

O POETA E APREENSÃO DA REALIDADE PSÍQUICA

"O amante, o lunático e o poeta/ São de imaginação somente feitos./ Um vê mais diabos do que cabe o inferno,/ Assim é o louco e também o amante./ Vê a bela Helena num semblante egípcio./ O olho do poeta, delirante vaga,/ Passa da terra ao céu, do céu à terra./ E enquanto dá contorno à fantasia/ A coisa até então desconhecida/ A pena do poeta lhe dá vida/ E ao que era vácuo um nome dá/ e um lugar fixa" (William Shakespeare, A Midsummer's Night Dream, v. I. Tradução de Geraldo Holanda Cavalcanti).

Há anos que estou convencido de que a Literatura é uma ferramenta indispensável às pesquisas psicanalíticas e a aprendizagem do ofício para se ser Analista. Impossível se pensar num psicanalista que não tenha como recurso interno capacidade estético-artística. A observação do mundo psíquico de uma pessoa requer alguém que tenha, treine e discipline o olhar para aquilo que se esconde além da consciência. Foi assim que Freud denominou sua psicologia como – Metapsicologia – um olhar que transcende a impressão sensorial e vai apreender o “sem nome”,

o “não dito”, enfim tudo aquilo que repousa no Inconsciente e no Consciente não pensado, urgindo ser traduzido em palavras.

Ainda citando o belo livro de Geraldo Holanda Cavalcanti – *A Herança de Apolo – Poesia Poeta Poema* – Ed. Civilização Brasileira, 2012 – “O poeta português José Gomes Ferreira também vê no escuro o que os outros homens não vêem. Poeta o que é? / Um homem que leva/ o facho da treva/ no fundo da mina/ - mas apenas vê/ o que não ilumina”. Escreve Geraldo Holanda: “Seria o poeta, assim, detentor de antenas especiais, dádiva ou não divina, mas, de qualquer forma, dom que o separa dos demais mortais e sobre eles o eleva, ao permitir atravessar a pele dos objetos ou dos eventos e vislumbrar-lhes as entranhas ou, ainda, o que, por trás de tais objetos ou fatos, está acontecendo ou por acontecer.”

A formação de um psicanalista vai exigir que o mesmo tenha e aprenda os recursos da poética. Wilfred Bion, analista indiano com formação na Inglaterra, desenvolveu um método de observação da realidade psíquica que abrange três vértices: o científico-filosófico; o estético-artístico e o místico-religioso. Freud afirmava que via nas narrativas dos romances aquilo que escutava em sua sala de análise.

Outro dia, lendo e relendo um poema de Affonso Romano de Sant’Anna, poeta, ensaísta, cronista, jornalista, e mais um dos grandes mineiros da Literatura Brasileira que migraram para a Cidade Maravilhosa, como Drummond, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e tantos outros de não menos importância – *Ulisses, O Retorno* – contido em seu livro “*Vestígios*” (2005), me dei conta do intróito que faço nesse escrito sobre a importância da apreensão da realidade psíquica pelos poetas passeando de mãos dadas com os analistas.

A experiência de uma análise é uma ousadia mútua, de duas pessoas corajosas, no sentido de adentrar no interior da mente e experimentar medo, angústia, temores, alegrias e satisfações, na vivência em adquirir conhecimento psíquico e, quem sabe, empreender mudanças em suas vidas – é o que plagio de Glauber Rocha – “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. Freud deixou esse legado: a mente traz dentro de si “impulsos de vida e impulsos de morte”. Podemos pensar num modelo simpático: Caim e Abel não eram duas pessoas, e sim pares de opostos num só Ser. Todos nós temos dentro de nós mesmos aspectos de Caim e de Abel. Naquilo que o poema de Affonso me tocou, diz respeito à angústia da vivência do Tempo, do prazer e dor que se sofre quando se vive uma mudança psíquica. Quando se experimenta uma mudança quebra-se um modo de ser anterior; instala-se um tempo de desorganização necessária, e vai aparecendo uma nova forma de ser e funcionar psiquicamente – essa é a função primordial de uma análise.

Não há mais possibilidade de se voltar ao antigo. Já não se pode mais andar com “as três pernas porque a terceira não é ‘mais essencial’”, Clarice Lispector escreveu na “Paixão Segundo G.H.” Só com duas pernas teremos que fazer nossa viagem até a morte, ainda que tenhamos a ilusão de existir uma terceira.

Deixemos o Poeta poetar:

Ulisses, O Retorno

“Como voltar/ depois de Itaca/ das sereias/ dos cíclopes/
de tanto assombro/ de tanto sangue na espada?”

Como voltar/ se aquele que partiu/ partiu-se/ e voltará
os fragmentos do excesso?

Não há retorno/ Há outra viagem/ diariamente urdida/
dentro da viagem/ antiga.

Embora o caminho/ da volta/ seja percorrido/ ninguém
retorna/ apenas volta a viajar/ no espaço anterior/ estra-
nhamente familiar.

Como se o regresso/ fosse acréscimo/ e o viajante des-
cobrisse/ que é atrás/ que está a fonte/ e na alvorada/ o
horizonte/ não há retorno./ Há o contorno/ do próprio
eixo/ o tempestuoso/ périplo do ego/ um diálogo de
ecos/ como quem/ tenta encaixar/ diferentes rostos/ no
mesmo espelho.

Por isto, o retorno/ inelutável/ é perigoso/ exige mais
perícia/ que na partida/ mais destreza/ que nos conflitos/
pois o risco/ é naufragar/ exatamente/ quando chegar
ao porto."